



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As bases para eclosão de conflitos socioambientais em regiões específicas
do Brasil

Nailsa Maria Souza Araújo

nayaraujo5@yahoo.com.br

Universidade Federal de Sergipe

Brasil

Josiane Soares Santos

josisoares@hotmail.com

Universidade Federal de Sergipe

Brasil

Carla Alessandra da Silva Nunes

carlaalessandranunes@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe

Brasil

Yanne Angelim Acioly

yanneangelim@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

O avanço do capital sobre os recursos naturais, sua crescente necessidade de apropriação dos mesmos em tempos de crise estrutural tem gerado grandes impactos sobre os países periféricos da economia mundial capitalista, notadamente porque são estes que se constituem como principais produtores de bens primários intensivos em recursos naturais que são indispensáveis à atual dinâmica de desenvolvimento do capital. Esta realidade tem configurado o que está sendo analisado como reprimarização das economias dos países da periferia do sistema capitalista, especialmente a América Latina, recompondo o lugar subalterno e periférico historicamente designado a estas no âmbito da divisão internacional do trabalho. As estratégias atuais de avanço do capital são cada vez mais agressivas ao meio ambiente, o que significa maior avidez na expropriação de grupos sociais que tem na apropriação da natureza sua forma de vida e subsistência, tanto material quanto simbólica. Desta forma, o movimento ambientalista é permeado progressivamente por uma variedade de novos conflitos, que se organizam com maior ou menor propriedade a partir dos desafios impostos por esta incursão contemporânea e neoimperialista sobre os locais de vida e trabalho de sujeitos sociais como indígenas, ribeirinhos, atingidos por barragens, quilombolas, marisqueiras e demais pescadores, etc. O Brasil é um país de grandes proporções territoriais. Dentre as suas distintas regiões o norte e o nordeste do país concentram ainda grande parte dos recursos naturais. Por esta justa medida tem sido alvo de investidas do grande capital, no sentido de construir formas de garantir seu crescente ingresso nestas áreas para exploração seja do acervo de madeira, da abertura de estradas e portos, da produção de energia, da privatização das águas em suas diferentes facetas, seja da implantação de *commodities*. A existência desta neocolonização tem sido a base sobre a qual se formam e constituem novas organizações populares, que buscam lutar pelo direito a preservação de seus territórios e formas de vida, o que pode leva-las a enfrentar o debate da “questão ambiental” e se constituir como sujeitos políticos atuantes nos conflitos socioambientais. O objetivo deste texto é traçar um quadro teórico explicativo preliminar acerca dessa realidade mais geral que sustenta a eclosão de conflitos socioambientais na contemporaneidade. O suporte inicial das digressões levantadas se relaciona às análises fundadas na crítica da economia política e com os traços históricos tanto do movimento ambientalista como da constituição dos sujeitos políticos no Brasil. Pretende-se, com o primeiro movimento, identificar a ferocidade predatória da dinâmica da economia capitalista; já com o segundo movimento busca-se problematizar o movimento ambientalista e ao mesmo tempo questionar as condições de enfrentamento da “questão ambiental” tendo em vista a consti-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tuição dos sujeitos políticos que procuram se organizar para enfrentar sua expropriação, criando assim os conflitos socioambientais.

ABSTRACT

The advance of capital over natural resources, and their increasing need for their appropriation in times of structural crisis, has generated great impacts on the peripheral countries of the capitalist world economy, especially since they are the main producers of resource-intensive primary goods which are indispensable to the current dynamics of capital development. This reality has shaped what is being analyzed as "reprimarization" of the economies of the peripheral countries of the capitalist system, especially Latin America, by recomposing the subordinate and peripheral place historically designated to them in the context of the international division of labor. The current strategies of capital advancement are increasingly aggressive to the environment, which means greater greed in the expropriation of social groups that have in the appropriation of nature their way of life and subsistence, both material and symbolic. In this way, the environmental movement is progressively permeated by a variety of new conflicts that are organized with greater or lesser ownership based on the challenges imposed by this contemporary and neo-imperialist incursion on the living and working places of social subjects such as indigenous, affected by dams, quilombolas, shellfish and other fishermen, etc. Brazil is a country of great territorial proportions. Among its different regions, the north and northeast of the country still concentrate a large part of natural resources. For this reason it has been the target of large capital investigations, in the sense of constructing ways to guarantee its increasing entrance in these areas for exploration of the wood stock, the opening of roads and ports, the production of energy, the privatization of the waters in its different facets, whether of the implantation of commodities. The existence of this neocolonization has been the basis on which they form and constitute new popular organizations, which seek to fight for the right to preserve their territories and forms of life, which can lead them to face the debate of the "environmental question" and to be constituted as political subjects acting in the socioenvironmental conflicts. The purpose of this text is to outline a preliminary theoretical framework about the more general reality that sustains the outbreak of social and environmental conflicts in contemporary times. The initial support of the digressions raised is related to analyzes based on the critique of political economy and with the historical traits of both the environmental movement and the constitution of the political subjects in Brazil. It is intended, with the first movement, to identify the predatory ferocity of the dynamics of the capitalist economy; already with the second movement seeks to problematize the environmental movement



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

and at the same time question the conditions of confrontation of the "environmental issue" in view of the constitution of the political subjects who seek to organize themselves to face their expropriation, thus creating socio-environmental conflicts.

Palabras clave

Questão ambiental; conflitos socioambientais; região nordeste.

Keywords

Environmental issue; social and environmental conflicts; northeast region.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O presente artigo toma para si a problemática da análise, ainda que embrionária, dos fundamentos/bases que, segundo a análise crítico-dialética, são indispensáveis para o conhecimento das movimentações que se efetivam na eclosão dos conflitos socioambientais. Um de seus objetivos é traçar um quadro teórico explicativo preliminar acerca dessa realidade mais geral que sustenta a eclosão de conflitos socioambientais na contemporaneidade. Sendo assim, inicialmente pretendemos levantar alguns traços das análises da “questão ambiental”. Far-se-á isso fundando-se na crítica da economia política e na particularidade de sua constituição na formação sócio-histórica brasileira; a partir dessa base, identificar traços históricos tanto do movimento ambientalista como da constituição dos sujeitos políticos no Brasil e, notadamente, no nordeste brasileiro.

Pretende-se, com o primeiro movimento, identificar a ferocidade predatória da dinâmica da economia capitalista; já com o segundo movimento busca-se problematizar o movimento ambientalista e ao mesmo tempo questionar as condições de enfrentamento da “questão ambiental” tendo em vista a constituição dos sujeitos políticos, que procuram se organizar para enfrentar sua expropriação, criando assim os conflitos socioambientais.

Esta problematização toma parte de um projeto mais largo, de iniciação à produção científica, que vimos desenvolvendo no Departamento de Serviço Social da UFS. Este é intitulado “Caracterização do quadro atual de conflitos socioambientais na região nordeste do Brasil” e deve ser concluído em julho de 2018.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Desenvolvimento

Uma das questões centrais hoje na produção do conhecimento é a capacidade de apanhar criticamente os elementos que possam explicar a totalidade constituinte da fase contemporânea de desenvolvimento da sociedade capitalista. Com base na crítica da economia política, a análise nos leva ao reconhecimento de uma etapa de crise estrutural do capitalismo, enfrentada pelo mesmo por meio da ofensiva neoliberal, da reestruturação do modelo de acumulação, incorporando o toyotismo e sua flexibilidade, e da mundialização financeira. Esta crise sem precedentes se arrasta desde meados dos anos 1970. Em Marx, a possibilidade das crises se manifesta desde o movimento de metamorfose da mercadoria, que traz implícita a contradição entre valor de uso e valor, contradição que se desdobra entre as fases de produção e realização da mais-valia¹, enfim, no momento da compra e da venda:

A discordância entre o processo imediato de produção e o processo de circulação faz com que se desenvolva novamente e se aprofunde a possibilidade de crise, que se manifestava já na simples metamorfose da mercadoria. A crise existe desde o momento em que esses processos não se fundem, mas se independentizam um do outro (p. 32). (...) E quando dizemos que a forma simples da metamorfose contém a possibilidade de crise, dizemos simplesmente que esta forma traz implícita, por sua vez, a possibilidade de que as duas fases, que se complementam entre si substancialmente, se desgarrem e se dissociem (MARX, 1982, p. 33).

A ocorrência desta dissociação entre o processo de formação do valor e o de sua realização, uma possibilidade inerente ao modo de produção capitalista, põe presente a iminência da crise, já que, como assevera Marx (op. Cit. p. 33), “na produção de mercadorias a transformação do produto

¹ Assim se refere Mota (1995) às diferentes condições da exploração e de sua realização: “Enquanto a primeira (a exploração) remete à produção do sobretabalho, no âmbito do desenvolvimento das forças produtivas, a segunda (a realização) implica tanto a capacidade de consumo da sociedade como os modos e as formas por meio dos quais os diversos ramos da atividade produtiva se articulam. É, portanto, a possibilidade de ocorrência de descompassos entre esses dois momentos que cria as bases objetivas para a emergência de crises” (p. 34).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

em dinheiro, a venda, é *conditio sine qua non*. Aqui, não tem nenhum papel a produção direta para as próprias necessidades. Tão rápido quanto fracassa a venda, aparece a crise”.

Esta crise atual carrega consigo um componente novo frente às demais crises vivenciadas no seio desse modo de produção: a ameaça advinda dos resultados da perdularidade que lhe é própria. Na fase neoimperialista hoje vivenciada a “questão ambiental”² se põe como uma das centrais problemáticas do evoluir do sistema capitalista. A origem de propostas globais para seu enfrentamento, não coincidentemente, data também dos anos 1970, quando ocorreu a Conferência de Estocolmo (1972), muito embora seja anterior o levantamento das preocupações com o meio ambiente fora do circuito oficial.

Na verdade foi a visibilidade dada à problemática ambiental - criada pelo avanço indiscriminado da economia capitalista - pelo movimento ambientalista³ que a levou à pauta política de governos e organismos multilaterais. As descobertas científicas acerca dos resultados nefastos ao planeta do atual estágio de desenvolvimento da economia capitalista forjam, por um lado, o pontapé para as críticas à sua lógica predatória de funcionamento. Pelo outro, oferecem aos grupos que são mais diretamente por esta afetados as ferramentas para o seu enfrentamento. Assim, o

² “Esse fenômeno aqui tratado como “questão ambiental refere-se a um conjunto de deficiências na reprodução do sistema, o qual se origina na indisponibilidade ou escassez de elementos do processo produtivo advindos da natureza, tais como matérias-primas e energia e seus desdobramentos ideopolíticos. Em outras palavras, trata-se da incapacidade do planeta de prover, indefinidamente, os recursos necessários à reprodução da vida, em condições históricas e sociais balizadas pelo alto nível de produção e consumo”. (SILVA, 2010, p. 67)

³ O movimento ambientalista se configurou como uma resposta coletiva às evidências da destrutividade ambiental. Porém, acumulou, ao longo da sua constituição, reconhecidas diferenciações internas, tanto em termos dos diversos grupos e segmentos que o compõem, que vão de setores governamentais a empresarias, organizações não governamentais (ONGs) estritamente ambientalistas a movimentos sociais amplos, quanto no que se refere às vinculações ideopolíticas, apresentando correntes mais ou menos ecocentristas ou antropocentristas, numa complexa pluralidade de teses e proposições para a intervenção na questão ambiental. Do ecocapitalismo ao ecossocialismo, o movimento ambientalista comporta, nos termos de Layrargues (2003, p. 41) os “múltiplos verdes”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

originário movimento ambientalista, então formado por segmentos das camadas médias mais afetos à defesa intransigente da natureza tomada como algo isolado, vai sendo permeado e desafiado pelo surgimento de outros tantos segmentos que proclamam-se socioambientalistas, pois incorporam à conservação dos bens naturais a defesa não só dos grupos sociais que vivem e trabalham tradicionalmente por meio do usufruto direto da natureza mas também da humanidade como constituinte e partícipe do planeta, sem deixar de reconhecer as desigualdades de classe, que determinam os desiguais impactos da destrutividade ambiental embutida no sistema do capital. Estes grupos, articulados em organizações de luta e defesa por direitos socioambientais, inclusive pautados pelo conceito de justiça socioambiental⁴, têm surgido com muita frequência em face do avanço das questões vivenciadas em seu cotidiano.

O Brasil, e particularmente as regiões norte e nordeste do país, tem sido palco do nascimento e disseminação de muitas dessas organizações, tendo em vista o lugar que ocupa na mais recente divisão internacional do trabalho. Recuperando seu papel histórico na economia mundial, só que em novas bases, instaura um processo de reprimarização de sua economia, transformando as *commodities* em seu principal produto de exportação. Isto requer a abertura de novas fronteiras agrícolas, por exemplo. Ademais, também toma parte na nova etapa de acumulação por despossessão, nos termos de Harvey (2005), a abertura de ativos para o grande capital internacional através de sua incorporação na exploração de recursos naturais, como é o caso da privatização das águas, que caminha a passos largos no

⁴ O movimento por justiça ambiental surge no Brasil como uma estratégia de luta dos movimentos sociais que buscam articular a questão ambiental às lutas por justiça social, seguindo a perspectiva da cultura dos direitos. Considera que a distribuição desigual dos benefícios e riscos ambientais originam conflitos que expressam a injustiça ambiental e a injustiça social a que estão submetidos determinados grupos sociais. Desse modo, o movimento por justiça ambiental denuncia e busca superar "[...] a exposição desproporcional dos socialmente mais desprovidos aos riscos das redes técnico-produtivas da riqueza ou sua despossessão ambiental pela concentração dos benefícios do desenvolvimento em poucas mãos." (ACSELRAD, 2010, p.109).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

país. Tem-se as bases, portanto, para o surgimento de conflitos socioambientais. Conforme observam Jesus & Gomes (2012, p. 57)

[...]para Theodoro (2005, p. 54) a questão ambiental se insere em um tipo de modalidade de conflito que cresce em importância na sociedade contemporânea, no sentido lato, em torno da “natureza ou meio ambiente”, em sentido restrito, dos “recursos naturais”. Como principais problemas, a autora aponta os decorrentes da finitude ou escassez de todos os recursos naturais, a exemplo dos recursos não renováveis (petróleo), recursos renováveis (água), extinção de espécies de fauna e flora, e a poluição e contaminação atmosférica e perdas de solo agrícola (THEODORO, 2005, p.54 apud JESUS; GOMES, 2012, p. 57).

Esse processo de avanço do capital sobre os recursos naturais se realiza às custas do aprofundamento das particularidades que estruturam o modelo de desenvolvimento capitalista da sociedade brasileira, que apresentam aspectos comuns às sociedades de capitalismo tardio. Deve-se destacar como particularidades, com base em Netto (1996): a) a constituição, de início, de uma economia voltada para fora, para o mercado exterior, já no período colonial; b) a ausência de uma radical ruptura com aquele estatuto colonial, pois manteve-se, no Brasil, um amálgama entre passado e presente, entre o velho e o novo, a partir do que foi possível moldar uma transição para o capitalismo ou para a modernidade sem realizar grandes e verdadeiras revoluções ou reais transformações estruturais de forma disruptiva. Ao contrário, as mudanças foram sendo conquistadas através da acomodação dos elementos retrógrados à nova tessitura social; c) a constituição de uma burguesia que não tinha fundamento político-econômico objetivo para promover o fim do monopólio da terra nem realizar suas “clássicas” tarefas nacionais, posto sua formação dependente e associada com os centros externos; d) o caráter do desenvolvimento capitalista no país: monopólio precoce e industrialização tardia; e) **a recorrente exclusão das forças populares dos processos de decisão política; f) o específico desempenho do Estado, atuando como**



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desestruturador e/ou inibidor da organização das agências da sociedade portadoras dos interesses das classes subalternas. (grifos nossos).

Esses componentes históricos tiveram impactos que vão desde a mais tardia libertação da escravatura no mundo, passando pelo sindicalismo corporativo, pelos pelegos, pelo não reconhecimento de suas instituições, até chegar ao sindicalismo de cooperação dos dias atuais. Se na estrutura formal todos estes mecanismos, seja de coerção ou de cooptação, foram utilizados, quando organizados no âmbito informal a repressão tem sido tão ou mais radical, também acompanhada pelos instrumentos adequados de cooptação. No caso da região nordeste, pela característica de ter concentrado ao longo dos tempos, a orientação de sua economia para a produção de bens primários, as hoje denominadas *commodities*, a manutenção das estruturas arcaicas, como a propriedade latifundiária da terra, tem sido mais cristalizada, reverberando numa relação de classes, cujo antagonismo tomou a forma tanto do mandonismo/coronelismo, como do clientelismo, combinando estratégias de coerção e consenso próprias desse modelo de sociedade capitalista, forjado pela relação de dependência e associação subalterna ao desenvolvimento da economia mundial.

O certo é que essa particularidade nacional e regional interferiu e interfere nas capacidades e potencialidades de uma movimentação social substantiva e autônoma. Não significa afirmar que ela não existiu/exista. Os sujeitos políticos representantes da classe trabalhadora no Brasil foram capazes, ao longo das décadas, de construir com muito esforço um conjunto mais ou menos articulado de movimentos sociais autorepresentativos, tanto no campo como nas cidades. Tendo como pioneiro o movimento sindical, na atualidade se disseminam num grande número de organizadas e distintas formas de representação. São descritos, talvez com alguma imprecisão, como “novos movimentos sociais”. O foco de suas lutas, que já foram



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conceituadas como de “minorias”, são elementos que diriam referência a especificidades de certos grupos sociais, como são exemplo a questão racial, de gênero, dos povos indígenas, dos quilombolas, ribeirinhos/pescadores, atingidos por barragens, etc. Nesse conjunto, insere-se a problemática ambiental e os movimentos sociais com pautas ambientalistas ou ainda, os movimentos ambientalistas com inclusão, ou não, das pautas sociais.

Segundo Loureiro (2012), a ambientalização das pautas de movimentos sociais consolidados, a exemplo do MST, MAB, CUT, coloca em evidência a necessidade de articulação das lutas sociais e ambientais, de modo que a defesa da proteção ao meio ambiente somente se sustenta na luta contra as desigualdades sociais, próprias desse modelo de organização da sociedade capitalista. É o que Lowy (2005) irá chamar de “uma aliança entre os vermelhos e os verdes”, entre a ecologia política crítica e a crítica da economia política, que traduz a unidade das lutas de classes e das lutas ecológicas.

Aqui destacamos, portanto, a perspectiva ecossocialista como uma fecunda possibilidade para os movimentos que buscam enfrentar a problemática ambiental:

Nela, os conflitos socioambientais são vistos como estruturalmente antagônicos, nascidos de uma situação de contradição estrutural própria da sociedade capitalista contemporânea, na qual a produção se orienta pela busca do crescimento econômico, a ser obtido via integração no mercado globalizado, através da exportação. Para os ecossocialistas, em que a corrente tem sua base fundamentada no marxismo, os conflitos socioambientais não são casos isolados, mas se repetem em diversos locais do planeta. Resultam da crescente riqueza acumulada e o desenvolvimento tecnológico de um lado, e a disseminação da pobreza e degradação ambiental de outro. (JESUS & GOMES, 2012, p. 58).

III - Conclusões

Apresentado o marco teórico e as discussões acima fica explícito, segundo entendemos:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- 1) Que a “questão ambiental”, elemento geral deflagrador de conflitos socioambientais, deve necessariamente ser interpretada por meio de um arsenal teórico-metodológico crítico dialético, a saber, o da tradição marxista. Entendemos que sem esse aporte é impossível chegar ao cerne da questão que, conforme procuramos demonstrar, se encontra na tessitura mesma da organização da sociedade capitalista;
- 2) Que a crise contemporânea do capital tem aprofundado a periculosidade contra a natureza, como forma de garantir a acumulação, num contexto de exacerbação das contradições que caracterizam sua fase monopolista, que tem na expropriação e privatização dos recursos naturais, uma das suas expressões, especialmente, nas regiões de capitalismo dependente, como o Brasil. Nessa estrutura se enquadram os conflitos socioambientais.
- 3) Que toda tentativa de se apropriar de elementos da realidade relativos à constituição dos sujeitos políticos e das classes sociais no Brasil não pode fugir de um dos principais traços que particularizam nossa formação social: a permanente exclusão das camadas populares dos processos de decisão política. O traço comum das organizações que encabeçam essas lutas pode ser o questionamento parcial à estruturação da sociedade capitalista madura. Nossa tarefa de pesquisadores e militantes nos movimentos ambientalistas, segundo entendemos, deve ser a de não permitir a continuidade dessa “especialização”, mas contribuir, com a produção de conhecimento, para a articulação imprescindível entre luta anticapitalista e movimento ambientalista.

IV. Bibliografia

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**, n. 24 (68), 2010. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/ea/v24n68/10.pdf>. Acesso em 27 de março de 2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

JESUS, N. B. de; GOMES, L. J. Conflitos socioambientais no extrativismo da aroeira (*schinus terebinthifolius raddi*), Baixo São Francisco - Sergipe/Alagoas. In Revista Ambiente e Sociedade. Sãoi Pauylo. V. XV. n. 3. p. 55-73. set. - dez, 2012. Disponível em <file:///G:/Backup%20HD%20Antigo/Pens%20Nay/PIBIC%202017/conflitos%20spcioambientais%20no%20extrativismo%20da%20aroeira.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

LAYRARGUES, P. P. **A natureza da ideologia e a ideologia da natureza**: elementos para uma sociologia da educação ambiental. 2003,105f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.

LOWY, M. Ecologia e Socialismo. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões de nossa Época).

MARX, K. **As Crises Econômicas do Capitalismo**. Tradução de Marisa M. Teixeira. São Paulo: Edições Populares, 1982.

MOTA, A. E. **Cultura da Crise e Seguridade Social**: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90. São Paulo: Cortez, 1995.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil Pós-64. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, M. G. **Questão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**: um desafio ético-político ao serviço social. São Paulo: Cortez, 2010.